

**PERSONALIDADE COMO CONSTRUCTO PSICOLÓGICO: UMA LEITURA AMPLIADA
PELA LÓGICA DOS CONSTRUCTOS**

**PERSONALITY AS A PSYCHOLOGICAL CONSTRUCT: AN EXPANDED READING
THROUGH CONSTRUCT LOGIC**

**LA PERSONALIDAD COMO CONSTRUCTO PSICOLÓGICO: UNA LECTURA
AMPLIADA DESDE LA LÓGICA DE LOS CONSTRUCTOS**



10.56238/revgeov17n2-063

Luís Antônio Monteiro Campos

Doutor em Psicologia

Instituição: Universidade Católica de Petrópolis, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
(PUC-Rio)

E-mail: campox@gmail.com

Ana Lucia Mendes Teixeira

Doutora em Psicologia

Instituição: Universidade Salgado Oliveira, Universidade Estácio de Sá (UNESA)

E-mail: analuciate@gmail.com

Alberto Abad

Doutor em Psicologia

Instituição: Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

E-mail: alberto.abad@ich.ufjf.br

José Aparecido da Silva

Doutor em Psicologia

Instituição: Universidade de São Paulo (USP-RP), UCP

E-mail: jadsilva@ffclrp.usp.br

RESUMO

O estudo da personalidade ocupa posição central na Psicologia científica, mas permanece marcado por ambiguidades conceituais, reducionismos teóricos e usos pouco criteriosos no campo aplicado. Considerando esse problema, o presente trabalho justifica-se pela necessidade de compreender a personalidade como um constructo psicológico, e não como entidade natural ou essência fixa do indivíduo. Objetiva-se analisar criticamente o constructo personalidade a partir da lógica dos constructos psicológicos, ampliando sua compreensão epistemológica, teórica, metodológica e ética. Para tanto, procede-se a um ensaio teórico, fundamentado em uma revisão crítica da literatura clássica e contemporânea sobre personalidade, envolvendo evidências empíricas, a psicometria e a genética do comportamento, com especial atenção ao modelo proposto por Silva (2003, 2011), que sistematiza questões fundamentais para o exame de constructos psicológicos. Desse modo, observa-se que a personalidade apresenta natureza multidimensional, estrutura dinâmica, bases biológicas probabilísticas, estabilidade relativa ao longo do ciclo vital e valor explanatório consistente, desde que



interpretada de forma contextualizada e não determinista. Os resultados da análise indicam que a lógica dos constructos psicológicos favorece a cumulatividade do conhecimento, a integração entre níveis explicativos e o uso responsável de instrumentos de mensuração. Conclui-se que compreender a personalidade como constructo fortalece seu estatuto científico, amplia sua utilidade teórica e aplicada e contribui para práticas psicológicas eticamente orientadas, especialmente em contextos contemporâneos marcados por complexidade e incerteza.

Palavras-chave: Personalidade. Constructos Psicológicos. Epistemologia em Psicologia.

ABSTRACT

The study of personality occupies a central position in scientific Psychology, yet it remains marked by conceptual ambiguities, theoretical reductionisms, and insufficiently critical uses in applied contexts. Considering this problem, the present work is justified by the need to understand personality as a psychological construct rather than as a natural entity or a fixed individual essence. The objective is to critically analyze the personality construct through the logic of psychological constructs, broadening its epistemological, theoretical, methodological, and ethical understanding. To this end, a theoretical essay is conducted, grounded in a critical review of classical and contemporary literature on personality, encompassing empirical evidence, psychometrics, and behavioral genetics, with particular attention to the model proposed by Silva (2003, 2011), which systematizes fundamental issues for the examination of psychological constructs. Thus, it is observed that personality presents a multidimensional nature, a dynamic structure, probabilistic biological bases, relative stability across the life span, and consistent explanatory value, provided it is interpreted in a contextualized and non-deterministic manner. The results indicate that the logic of psychological constructs fosters the cumulateness of knowledge, the integration of explanatory levels, and the responsible use of measurement instruments. It is concluded that understanding personality as a construct strengthens its scientific status, expands its theoretical and applied usefulness, and contributes to ethically grounded psychological practices, especially in contemporary contexts marked by complexity and uncertainty.

Keywords: Personality. Psychological Constructs. Epistemology in Psychology.

RESUMEN

El estudio de la personalidad ocupa una posición central en la Psicología científica, pero continúa marcado por ambigüedades conceptuales, reduccionismos teóricos y usos poco críticos en el ámbito aplicado. Considerando este problema, el presente trabajo se justifica por la necesidad de comprender la personalidad como un constructo psicológico, y no como una entidad natural o una esencia fija del individuo. El objetivo es analizar críticamente el constructo personalidad a partir de la lógica de los constructos psicológicos, ampliando su comprensión epistemológica, teórica, metodológica y ética. Para ello, se desarrolla un ensayo teórico, fundamentado en una revisión crítica de la literatura clásica y contemporánea sobre personalidad, que incluye evidencias empíricas, la psicometría y la genética del comportamiento, con especial atención al modelo propuesto por Silva (2003, 2011), el cual sistematiza cuestiones fundamentales para el examen de los constructos psicológicos. De este modo, se observa que la personalidad presenta una naturaleza multidimensional, una estructura dinámica, bases biológicas probabilísticas, estabilidad relativa a lo largo del ciclo vital y un valor explicativo consistente, siempre que sea interpretada de manera contextualizada y no determinista. Los resultados del análisis indican que la lógica de los constructos psicológicos favorece la acumulación del conocimiento, la integración entre niveles explicativos y el uso responsable de los instrumentos de medición. Se concluye que comprender la personalidad como constructo fortalece su estatuto científico, amplía su utilidad teórica y aplicada, y contribuye a prácticas psicológicas éticamente orientadas, especialmente en contextos contemporâneos marcados por la complejidad y la incertidumbre.

Palabras clave: Personalidad. Constructos Psicológicos. Epistemología en Psicología.



1 INTRODUÇÃO

O conceito de personalidade ocupa posição central na Psicologia científica e, simultaneamente, constitui uma de suas noções mais vulneráveis a usos imprecisos, reducionistas ou ideologicamente orientados (Digman, 1990; McCrae & Costa, 1997). Tal como ocorre com outros constructos psicológicos complexos — a exemplo da inteligência, da cognição social e do bem-estar psicológico — a personalidade não é um objeto diretamente observável, mas uma construção teórica inferida a partir de regularidades relativamente estáveis nos modos de pensar, sentir, agir e autorregular-se dos indivíduos ao longo do tempo.

Do ponto de vista epistemológico, compreender a personalidade exige reconhecer que constructos não são entidades naturais, mas instrumentos conceituais criados para organizar a observação empírica, orientar a mensuração e sustentar inferências probabilísticas (Silva, 2003, 2011). Conforme argumenta (Silva, 2011) a Psicologia científica amadurece quando explicita seus pressupostos conceituais e evita a reificação de seus objetos.

Ao longo da história da Psicologia, a personalidade foi abordada por diferentes tradições teóricas — psicodinâmicas, comportamentais, humanistas, cognitivas e dos traços — cada uma enfatizando aspectos específicos do funcionamento humano. A leitura aqui proposta não pretende substituir essas tradições, mas integrá-las criticamente a partir da lógica dos constructos psicológicos, permitindo cumulatividade científica. Nesse ensaio teórico pretende-se trazer algumas questões sobre o constructo de personalidade, baseando-se no modelo teórico de Silva (2011), que estabelece entre sete e oito questões para o entendimento mais amplo e aprofundado de um constructo psicológico.

1.1 QUESTÃO 1 – A PERSONALIDADE É UNI OU MULTIDIMENSIONAL?

A discussão acerca da estrutura da personalidade constitui um dos eixos mais antigos e persistentes da Psicologia científica. Desde as primeiras tentativas de sistematização do comportamento humano, pesquisadores oscilaram entre concepções unitárias — que buscavam um princípio explicativo único — e abordagens que enfatizavam a multiplicidade de disposições psicológicas. Do ponto de vista empírico, a evidência acumulada ao longo do século XX aponta de forma consistente para a natureza multidimensional da personalidade. Estudos lexicais e análises fatoriais revelaram que descritores de personalidade tendem a se organizar em conjuntos relativamente independentes, culminando em modelos amplos, como o dos Cinco Grandes Fatores (Digman, 1990; McCrae & Costa, 1997).

A multidimensionalidade, contudo, não implica ausência de coerência teórica. Conforme argumenta Silva (2010), constructos psicológicos centrais frequentemente apresentam estrutura interna complexa justamente porque procuram integrar padrões amplos e recorrentes de funcionamento humano. A busca por um fator único explicativo, embora sedutora, tende a empobrecer a compreensão



científica do fenômeno. Além disso, a concepção multidimensional permite compreender como diferentes traços interagem entre si e com variáveis contextuais, produzindo padrões comportamentais específicos. Essa perspectiva favorece explicações probabilísticas e contextualmente sensíveis, alinhadas à lógica dos constructos psicológicos.

1.2 QUESTÃO 2 – GENÉTICA, AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO

A segunda questão fundamental refere-se às variáveis que controlam o desenvolvimento e a expressão da personalidade. Historicamente, esse debate foi marcado pela oposição entre explicações hereditárias e ambientais. Do ponto de vista científico contemporâneo, essa dicotomia mostra-se inadequada. Estudos em genética do comportamento indicam que traços de personalidade apresentam herdabilidade moderada, sugerindo influência genética significativa, porém longe de ser determinística (Roberts & DelVecchio, 2000). Como enfatiza Silva (2011), herdabilidade refere-se a estimativas populacionais e depende das condições ambientais vigentes, não autorizando inferências diretas sobre indivíduos. Do ponto de vista desenvolvimental, a personalidade emerge da interação contínua entre predisposições biológicas e experiências ambientais. Práticas parentais, contextos educacionais, vínculos afetivos e eventos de vida modulam a expressão dos traços ao longo do ciclo vital. Assim, a personalidade deve ser compreendida como um sistema dinâmico, biologicamente informado, mas psicologicamente e socialmente organizado.

Essa abordagem interacional converge com a lógica dos constructos psicológicos ao rejeitar explicações monocausais e ao enfatizar modelos probabilísticos e contextuais para a compreensão das diferenças individuais.

1.3 QUESTÃO 3 – A MENSURAÇÃO DA PERSONALIDADE E A VALIDADE DE CONSTRUCTO

A mensuração da personalidade constitui um dos pontos mais sensíveis e, ao mesmo tempo, mais decisivos para o estatuto científico do constructo. Conforme enfatiza Silva (2003), medir em Psicologia não significa quantificar diretamente entidades naturais, mas construir indicadores empíricos capazes de representar, de forma aproximada e probabilística, atributos teóricos latentes. Inventários de personalidade, escalas e questionários funcionam como modelos de mensuração, baseados em pressupostos teóricos explícitos. Seus escores não devem ser interpretados como propriedades intrínsecas do indivíduo, mas como estimativas relativas em dimensões previamente definidas. Nesse sentido, a validade de constructo assume papel central, pois envolve a articulação entre teoria, evidência empírica e interpretação dos resultados.



A lógica dos constructos psicológicos exige que a mensuração da personalidade seja constantemente reavaliada à luz de novas evidências, evitando tanto o fetichismo dos instrumentos quanto o ceticismo radical em relação à possibilidade de medir fenômenos psicológicos complexos.

1.4 QUESTÃO 4 – ESTABILIDADE, MUDANÇA E CONTINUIDADE AO LONGO DA VIDA

A estabilidade da personalidade é frequentemente invocada como argumento a favor de concepções essencialistas do comportamento humano. No entanto, evidências longitudinais indicam um quadro mais complexo. Meta-análises clássicas demonstram estabilidade relativa dos traços, especialmente a partir da vida adulta, acompanhada de mudanças graduais e sistemáticas ao longo do ciclo vital (Roberts et al., 2006).

Essas mudanças não devem ser interpretadas como inconsistência teórica, mas como expressão da plasticidade psicológica em contextos de desenvolvimento. Transições normativas, como ingresso no mercado de trabalho, parentalidade e envelhecimento, impõem novas demandas adaptativas, às quais a personalidade responde de modo progressivo. Do ponto de vista defendido por Silva (2011), compreender simultaneamente estabilidade e mudança é fundamental para evitar determinismos e voluntarismos. A personalidade mantém coerência suficiente para sustentar previsões probabilísticas, mas flexibilidade suficiente para permitir desenvolvimento.

1.5 QUESTÃO 5 – NÍVEIS DE EXPLICAÇÃO E BASES BIOLÓGICAS DA PERSONALIDADE

A personalidade pode ser analisada em diferentes níveis explicativos, que vão do biológico ao social. Pesquisas em neurociência da personalidade têm identificado correlações entre traços e sistemas neurobiológicos, como circuitos dopaminérgicos e serotoninérgicos (DeYoung, 2015). Todavia, essas correlações não autorizam reduções biologicistas. Modelos integrativos, como o proposto por Mischel e Shoda (1995), articulam disposições estáveis, estados situacionais e processos cognitivo-afetivos dinâmicos. A lógica dos constructos psicológicos reforça que cada nível explicativo responde a perguntas distintas e complementares.

Reduzir a personalidade a um único nível — seja biológico, cognitivo ou social — empobrece sua explicação e compromete sua utilidade científica.

1.6 QUESTÃO 6 – VALOR EXPLANATÓRIO, PREDIÇÃO E APLICAÇÕES

Um dos critérios centrais para a manutenção de um constructo na Psicologia científica é seu valor explanatório. Estudos demonstram que traços de personalidade se associam a diversos desfechos relevantes, como desempenho ocupacional, saúde mental, comportamentos de risco e bem-estar subjetivo (Barrick & Mount, 1991; Ozer & Benet-Martínez, 2006). Essas associações, contudo, são de natureza estatística e probabilística. A personalidade contribui para explicar variação em



comportamentos e resultados, mas não determina trajetórias individuais. Do ponto de vista aplicado, essa distinção é crucial para evitar usos normativos ou discriminatórios dos escores de personalidade.

Aplicações responsáveis exigem interpretação contextualizada, integração com outras variáveis psicológicas e sociais e comunicação clara dos limites preditivos dos instrumentos utilizados.

1.7 QUESTÃO 7 – IMPLICAÇÕES ÉTICAS, SOCIAIS E CIENTÍFICAS

O uso do constructo personalidade extrapola o campo acadêmico e alcança esferas como educação, trabalho, saúde e políticas públicas. Essa expansão torna ainda mais relevante a discussão ética associada à sua aplicação.

Silva (2010) alerta para os riscos de reificação e uso ideológico de medidas psicológicas, especialmente quando descoladas de seus pressupostos teóricos e limitações empíricas. A transformação de traços em rótulos identitários pode legitimar desigualdades, estigmatizações e práticas excludentes. A responsabilidade científica envolve não apenas produzir conhecimento, mas também zelar por sua divulgação e uso socialmente responsáveis. A personalidade deve ser compreendida como ferramenta explicativa e não como essência fixa do sujeito.

2 PERSONALIDADE, CIÊNCIA PSICOLÓGICA E CUMULATIVIDADE DO CONHECIMENTO

A compreensão da personalidade como constructo psicológico exige situá-la no interior da lógica cumulativa da ciência psicológica. Diferentemente de conceitos do senso comum, os constructos científicos não se legitimam por intuição ou tradição, mas por sua capacidade de organizar evidências empíricas, orientar a investigação e produzir explicações progressivamente mais refinadas do comportamento humano.

Silva (2003) destaca que a Psicologia, enquanto ciência empírica, avança por meio do aprimoramento contínuo de seus constructos centrais, e não pela sua substituição arbitrária. A personalidade exemplifica esse movimento cumulativo: desde as primeiras tipologias até os modelos contemporâneos de traços amplos, observa-se um processo de depuração conceitual, metodológica e empírica. Nesse sentido, a personalidade opera como um constructo-pontilhão, conectando diferentes níveis de análise — biológico, psicológico e social. Ela permite integrar achados da genética comportamental, da neurociência, da psicologia social e do desenvolvimento humano, sem reduzir o comportamento a um único princípio explicativo.

A cumulatividade do conhecimento sobre personalidade depende, portanto, da clareza conceitual, da validade de constructo e da replicabilidade empírica. Quando esses critérios são respeitados, a personalidade deixa de ser um rótulo descritivo e passa a funcionar como um instrumento heurístico poderoso, capaz de gerar hipóteses testáveis e orientar aplicações responsáveis. Preservar



essa cumulatividade implica resistir a modismos teóricos, simplificações excessivas e usos comerciais desancorados da evidência científica. A personalidade permanece relevante justamente porque é um constructo aberto, passível de revisão, mas sustentado por um corpo robusto de evidências acumuladas.

3 PERSONALIDADE E SAÚDE NO CONTEXTO PÓS-COVID-19

A pandemia de Covid-19 constituiu um evento crítico de alcance global, cujos efeitos extrapolaram amplamente o domínio biomédico, atingindo de forma profunda os processos psicológicos, sociais e existenciais. No cenário pós-Covid, a compreensão da saúde humana exige modelos explicativos capazes de integrar vulnerabilidades individuais, contextos sociais adversos e trajetórias de adaptação ao longo do tempo. Nesse contexto, o constructo personalidade adquire renovada centralidade analítica.

De acordo com a Psicologia científica, a personalidade não deve ser concebida como fator causal isolado dos desfechos em saúde, mas como um conjunto de disposições relativamente estáveis que modulam a forma como os indivíduos percebem ameaças, regulam emoções, adotam comportamentos de proteção e mobilizam recursos sociais. Durante e após a pandemia, traços de personalidade mostraram-se associados, de maneira probabilística, a diferentes padrões de enfrentamento, adesão a medidas sanitárias, percepção de risco, sofrimento psíquico e recuperação emocional.

A lógica dos constructos psicológicos permite compreender por que esses achados não autorizam interpretações deterministas. A personalidade não explica quem adoece ou quem permanece saudável, mas contribui para entender variações individuais nas respostas ao estresse prolongado, à incerteza e às perdas impostas pelo contexto pandêmico. Em interação com fatores sociais — como desigualdades econômicas, acesso a serviços de saúde e redes de apoio — a personalidade atua como variável moduladora, e não como destino psicológico.

No período pós-Covid, essa perspectiva torna-se particularmente relevante para a formulação de intervenções em saúde mental. Estratégias de promoção de saúde que ignoram diferenças individuais tendem a ser menos eficazes. Por outro lado, intervenções baseadas em rótulos de personalidade incorrem no risco de reificação e estigmatização. O desafio científico e ético consiste em utilizar o conhecimento acumulado sobre personalidade de forma contextualizada, probabilística e integrada a outros constructos, como cognição social, autorregulação emocional e sentido de vida.

Encerrar este ensaio com a discussão sobre personalidade e saúde pós-Covid reforça uma tese central: a utilidade científica da personalidade reside menos em explicar eventos isolados e mais em iluminar processos adaptativos complexos em contextos de crise. À luz da lógica dos constructos psicológicos, a personalidade permanece um instrumento conceitual indispensável para compreender



a saúde humana em sociedades marcadas por incerteza, vulnerabilidade e transformação acelerada, desde que utilizada com rigor teórico, sensibilidade ética e compromisso social.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste texto, a personalidade foi analisada à luz das sete questões fundamentais que orientam a construção e a avaliação de constructos psicológicos. Essa abordagem permitiu evidenciar que a personalidade não é uma entidade natural nem uma essência psicológica fixa, mas uma construção teórica destinada a organizar regularidades observáveis do comportamento humano. A lógica dos constructos psicológicos, conforme sistematizada por Silva (2003, 2011), oferece um arcabouço epistemológico particularmente adequado para compreender tanto a potência quanto os limites explicativos da personalidade. Reconhecer esses limites não enfraquece o constructo, ao contrário, fortalece seu uso científico ao evitar interpretações deterministas, normativas ou ideológicas.

A personalidade demonstra valor explicativo na medida em que contribui para compreender diferenças individuais de forma probabilística, contextualizada e integrada a outros constructos, como inteligência e cognição social. Seu uso responsável exige rigor teórico, precisão metodológica e sensibilidade ética. Reafirmar essas premissas significa reafirmar uma concepção madura de Psicologia científica: uma ciência comprometida com a cumulatividade do conhecimento, com a transparência conceitual e com a responsabilidade social. A personalidade, enquanto constructo, permanece central não por oferecer respostas simples, mas por sustentar perguntas complexas sobre a natureza humana.

AGRADECIMENTOS

Ao CNPQ e a CAPES e a Universidade Católica de Petrópolis e PUC-Rio



REFERÊNCIAS

- Barrick, M. R., & Mount, M. K. (1991). The Big Five personality dimensions and job performance: A meta-analysis. *Personnel Psychology*, 44(1), 1–26. <https://doi.org/10.1111/j.1744-6570.1991.tb00688.x>
- DeYoung, C. G. (2015). Cybernetic Big Five Theory. *Journal of Research in Personality*, 56, 33–58. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2014.07.004>
- Digman, J. M. (1990). Personality structure: Emergence of the five-factor model. *Annual Review of Psychology*, 41, 417–440. <https://doi.org/10.1146/annurev.ps.41.020190.002221>
- McCrae, R. R., & Costa, P. T. (1997). Personality trait structure as a human universal. *American Psychologist*, 52(5), 509–516. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.52.5.509>
- Mischel, W., & Shoda, Y. (1995). A cognitive-affective system theory of personality. *Psychological Review*, 102(2), 246–268. <https://doi.org/10.1037/0033-295X.102.2.246>
- Ozer, D. J., & Benet-Martínez, V. (2006). Personality and the prediction of consequential outcomes. *Annual Review of Psychology*, 57, 401–421. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.57.102904.190127>
- Roberts, B. W., & DelVecchio, W. F. (2000). The rank-order consistency of personality traits from childhood to old age. *Psychological Bulletin*, 126(1), 3–25. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.126.1.3>
- Roberts, B. W., Walton, K. E., & Viechtbauer, W. (2006). Patterns of mean-level change in personality traits across the life course. *Psychological Bulletin*, 132(1), 1–25. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.132.1.1>
- Silva, J.A.. *Inteligência Humana: Abordagens Biológicas e Cognitivas*. São Paulo: Editora Lovise, 2003. 247p .
- Silva, J.A.; Ribeiro Filho, N. P. (2011). Avaliação Psicofísica da Percepção de Dor. *Psicologia USP (Impresso)*, v. 22, p. 223-263.

